

# ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA DA ESCRITA EM PORTUGUÊS POR PESSOA SURDA: UM ESTUDO DE CASO

MORPHOSYNTACTIC ANALYSIS OF A DEAF PERSON'S WRITING: A CASE STUDY

Lou-Ann Kleppa<sup>1</sup>  
Beatriz Gomes dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto tem por objetivo analisar a escrita em português de uma pessoa surda e investigar a interferência da língua de sinais (L1) na escrita do português brasileiro (L2) – e para tanto mobilizamos o conceito de interlíngua. Os dados de análise são provenientes de diálogos entre uma pessoa surda e outra ouvinte na rede social WhatsApp. O recorte do *corpus* contempla cláusulas em que há desvios morfosintáticos em algum dos seguintes quesitos: 1) morfologia verbal, 2) ordem de palavras, 3) conectivos ou 4) ortografia. Em paralelo, para caracterizar minimamente a escrita no WhatsApp e os desvios morfosintáticos na escrita por uma pessoa ouvinte, foram coletados dados de uma pessoa ouvinte que apresenta escrita desviante em português e esses mesmos aspectos foram examinados para tentar entender as causas dessas escritas. Nossos dados apontam que as maneiras de produzir escrita desviante em português são muito diferentes para a aluna surda e para a pessoa ouvinte. Enquanto a forma do verbo é um desafio para a aluna surda, bem como a ordem das palavras se apresenta por vezes caótica devido à ausência de conectivos e abundância de infinitivos, a pessoa ouvinte apresenta principalmente erros de ortografia.

**Palavras-chave:** Escrita de surdo. Interlíngua. Morfosintaxe da língua portuguesa.

**Abstract:** This study analyzes written material in Portuguese of a deaf person and investigates the interference of sign language (L1) in the writing of Brazilian Portuguese (L2) mobilizing the concept of interlingua. The data comes from dialogues between a deaf person and another hearing on the social network WhatsApp. The *corpus* includes clauses in which there are morphosyntactic deviations in any of the following aspects: 1) verbal morphology, 2) word order, 3) connectives or 4) spelling. In parallel, to minimally characterize writing on WhatsApp and morphosyntactic deviations in writing by a hearing person, data were collected from a hearing control subject who presents deviant writing in Portuguese and for which these same aspects were examined. Our data show that the ways of producing deviant writing in Portuguese are very different for the deaf student and the hearing. While the form of the verb is a challenge for the deaf student, as well as the word order is sometimes chaotic due to the absence of connectives and an abundance of infinitives, the hearing subject presents mainly spelling errors.

**Keywords:** Deaf writing. Interlingua. Portuguese language morphosyntax.

<sup>1</sup> Doutora em Linguística, lotada no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). [loukleppa@yahoo.com](mailto:loukleppa@yahoo.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0317-9440>

<sup>2</sup> Graduada em Letras-Libras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). [bialibras25@gmail.com](mailto:bialibras25@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0816-008X>

## **Introdução**

O objetivo central deste trabalho é caracterizar desvios na escrita da língua portuguesa por parte de uma pessoa surda. Trata-se de um estudo de caso em que tomamos como sujeito uma aluna surda matriculada no curso de Letras – Libras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), que chamaremos de Maria (para preservar sua identidade), que tem como primeira língua a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e que foi alfabetizada em português escrito. Grande parte da interação entre Maria e a segunda autora deste trabalho se deu por escrito, no WhatsApp. Trata-se, portanto, de interações espontâneas por escrito. O contraponto é feito através de dados de escrita produzidos por uma senhora ouvinte que igualmente interagiu com a segunda autora deste estudo pelo WhatsApp que chamaremos genericamente de sujeito controle. Sentimos necessidade de fazer esse contraste para mostrar que as estratégias morfossintáticas encontradas por Maria não são aleatórias, nem podem ser atribuídas ao estilo de escrita adotado nas redes sociais. Não se trata de comparar o surdo com o ouvinte e apontar suas deficiências, mas de comparar a escrita de surdo e ouvinte para tentar entender as causas dessas escritas peculiares (a escrita do sujeito controle apresenta desvios próprios).

Este artigo assume a função de descrever fenômenos linguísticos que podem apontar para aplicações no contexto de ensino do português escrito como segunda língua. Antes de propor um método, nos preocupamos em diagnosticar desvios na escrita em português por parte de uma aluna surda para ajudar a identificar dificuldades no processo de aprendizado de escrita em segunda língua. Maria é aluna universitária e está em processo de aprendizagem de português como segunda língua e não foi alfabetizada em LIBRAS (mesmo porque a anotação gráfica de LIBRAS ainda está em processo de elaboração), mas na sua segunda língua.

### **LIBRAS como primeira língua e português na modalidade escrita como segunda língua**

A educação de surdos no Brasil teve início em 1857 com o Instituto de Surdos-Mudos, fundado pelo professor E. Huet, que recebeu o nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/RJ). Como único órgão preparado para receber alunos surdos, o Instituto abrigava estudantes surdos de todo o Brasil, recebendo-os na idade de sete a dezesseis anos (CARVALHO e NÓBREGA, sd.). Ainda hoje a escolarização de surdos – e o próprio conceito de surdo, se vinculado a uma deficiência ou não – gera polêmicas: “dadas as condições adequadas para o

aprendizado da LIBRAS e da comunicação por meio dela, os surdos [...] não se sentem deficientes” (NUNES *et al.*, 2015, p. 539).

Em 2002, LIBRAS foi reconhecida como primeira língua dos surdos e português escrito como segunda língua através da Lei 10.436. Atualmente há duas modalidades de ensino para surdos: educação inclusiva, em que a escola precisa se adaptar para atender a todos, conviver com as diferenças e proporcionar experiências formativas mais horizontais; e a educação bilíngue, pensada como preparação do surdo para a convivência com o mundo oralizado. Nesse sentido, a educação (formal) bilíngue está prevista apenas no Ensino Infantil e Fundamental e é comum que surdos somente tenham acesso à LIBRAS na escola, quando são simultaneamente alfabetizados em português. De qualquer maneira, Nunes *et al.* (2015, p. 543) concluem que “é preciso entender que a Libras, para se estabelecer como primeira língua, depende de políticas públicas que desenvolvam um trabalho que tenha a intenção de atingir o centro do problema: dar mais espaço para o surdo e para a utilização da Libras.”

É importante frisar que o estudo da LIBRAS iniciou-se em meados dos anos 60, em que trabalhos foram realizados para analisar o comportamento da língua e sua estrutura:

Foi na década de 60 que as línguas de sinais foram estudadas e analisadas. Pesquisas com crianças surdas de pais surdos estabelecem que a aquisição precoce da Língua de Sinais dentro do lar é um benefício e que esta aquisição contribui para o aprendizado da língua oral como a segunda língua para os surdos (ALMEIDA e MAIA FILHO, 2009, p.13).

Mesmo que LIBRAS seja reconhecida como língua autônoma – e não como sinalização do português, a escrita do português se torna compulsória para muitos surdos. Para Cavalcanti e Silva (2007, p. 12), “a escrita [em língua portuguesa] é vista como ‘salvadora’, no sentido de ser apresentada como um canal mais efetivo de comunicação com o mundo ouvinte”. Mais especificamente, a respeito da escrita nas redes sociais, Arcoverde (2006) aponta para o uso efetivo da escrita:

A escrita, através da Internet, possibilita ao surdo escrever o português e pensar em português, fazendo uso social da linguagem escrita incorporada a uma necessidade discursiva. Nesse caso, podemos verificar que os surdos, quando vivenciam essa experiência, podem penetrar numa situação concreta de enunciação e usar a linguagem escrita em língua portuguesa para interagir com os outros (ARCOVERDE, 2006, p. 256).

O uso social da escrita no contexto das redes sociais se torna relevante na medida em que favorece situações interativas concretas entre surdos e ouvintes.

## A interlíngua do surdo no português

Mesmo que Maria não se considere individualmente bilíngue, está inserida numa sociedade que predominantemente se comunica em português. A cultura surda é considerada forte em Porto Velho, e a aluna surda cujos dados analisamos aqui afirma que LIBRAS é sua língua materna e que português escrito é sua segunda língua. Segundo Pizzio, Rezende e Quadros (2010), é pertinente distinguir o bilinguismo social do individual, mesmo que os sujeitos não sejam igualmente fluentes nas duas línguas, porque são afetados por práticas escritas em português (a escrita em LIBRAS ainda não está consolidada) adquiridas mediante ensino formal. Finger (2020) descreve o bilinguismo tal como estudado na Psicolinguística do bilinguismo como uma “competição mental entre duas línguas”, de modo que ocorre uma ativação paralela entre as duas línguas. No caso, Maria precisa controlar o acesso alternado a LIBRAS e português – em modos diferentes: sinalizado e escrito.

Segundo a literatura, um dos efeitos cognitivos do bilinguismo é que esse repertório linguístico a que o surdo tem acesso faz emergir dois processos que se distinguem pelo grau de consciência do usuário em relação ao interlocutor e a situação de enunciação: (i) o *codeswitching* seria a alternância de uma língua para outra, ao passo que (ii) a “interferência interlinguística” ou “transferência” seria um processo inconsciente, em que uma língua influencia a outra. A Linguística Aplicada vem discutindo esses termos há décadas, sempre partindo da análise de desvios do aprendiz de segunda língua para auxiliá-lo a internalizar a língua-alvo.

A interlíngua é um construto teórico que descreve as etapas de aprendizagem percorridas pelo aprendiz de segunda língua. Num primeiro estágio, a interlíngua se caracteriza pela mudança da LIBRAS para o português. O processo de aprendizagem percorrido pelo sujeito surdo se identifica a partir de:

- Predomínio de construções frasais sintéticas;
- Estrutura gramatical de frase muito semelhante à língua de sinais brasileira (L1), apresentando poucas características do português (L2);
- Aparecimento de construções de frases na ordem SVO, mas maior quantidade de construções tipo tópico-comentário;
- Predomínio de palavras de conteúdo (substantivos, adjetivos, verbos);
- Falta ou inadequação de elementos funcionais (artigos, preposição, conjunção);
- Uso de verbos, preferencialmente, no infinitivo;
- Emprego raro de verbos de ligação (ser, estar, ficar), e às vezes, incorretamente;
- Uso de construções de frase tipo tópico-comentário, em quantidade, proporcionalmente maior, no estágio inicial da apropriação da L2
- Falta de flexão dos nomes em gênero, número e grau;
- Pouca flexão verbal em pessoa, tempo e modo

(QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 34-35).

Conforme as autoras, no estágio da interlíngua II, identificamos a mistura da língua de sinais e do português nos elementos da escrita, causando desordenamentos como:

- Justaposição intensa de elementos da L1 e da L2;
- Estrutura da frase ora com características da língua de sinais brasileira, ora com características gramaticais da frase do português;
- Frases e palavras justapostas confusas, não resultam em efeito de sentido comunicativo;
- Emprego do verbo no infinitivo e também flexionados;
- Empregos de palavras de conteúdo (substantivos, adjetivos e verbos)
- Empregos de elementos funcionais, predominantemente, de modo inadequado;
- Uso de algumas preposições, nem sempre adequado;
- Uso de conjunções, quase sempre inadequado;
- Muitas vezes, não se consegue aprender o sentido do texto, parcialmente ou totalmente

(QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 35-36).

O estágio seguinte prevê o domínio da sintaxe portuguesa:

- Estruturas frasais na ordem direta do português;
- Predomínio das estruturas frasais SVO;
- Aparecimento maior das estruturas frasais complexas;
- Emprego maior de palavras funcionais (artigos, preposição, conjunção);
- Categorias funcionais empregadas;
- Uso consistente de artigos indefinidos;
- Uso de preposições com mais acertos

(QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 36).

Conforme Rocha e Robles (2017, p. 651): “O estudo da interlíngua tem como objetivo demonstrar que os erros não são fortuitos, e, portanto, intenciona descrever o sistema de regras presentes no aprendiz quando este tenta se comunicar em uma LE [língua estrangeira].”

## **Materiais e métodos**

O presente trabalho caracteriza a escrita desviante em língua portuguesa de uma aluna surda, aqui chamada de Maria, matriculada no curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Na primeira infância, ela teve contato somente com a mãe (ouvinte), não tendo acesso à LIBRAS, isto é, não teve contato ou convivência com a comunidade surda e foi tarde para a escola. Nesse sentido, o próprio conceito de “língua materna” não é diretamente aplicável a Maria, já que sua mãe não sinalizava em LIBRAS e Maria não tinha acesso à língua portuguesa. Hoje Maria é adulta, casada com um surdo e ambos são fluentes em LIBRAS. No entanto, Maria se mostra

insegura na escrita de língua portuguesa; por isso assumimos que LIBRAS é sua primeira língua e português escrito a segunda.

Analisamos sentenças desviantes produzidas no WhatsApp, rede social em que está inserida. Maria concordou em fornecer seus dados e respondeu a um breve questionário sobre sua relação com a língua portuguesa. Coletamos cláusulas escritas em português pela aluna surda no WhatsApp endereçadas à segunda autora deste estudo, que apresentam desvios de escrita. Os dados foram coletados entre abril de 2018 e setembro de 2019, de modo que foi composto um *corpus* de 76 cláusulas produzidas no cotidiano da aluna que desviam em diversos aspectos do padrão da língua portuguesa. Em seguida, sistematizamos estes desvios e estabelecemos o conjunto de dados a serem analisados. O *corpus* de Maria é composto por sentenças (1) sem verbos, (2) sem verbos conjugados, (3) com o verbo conjugado em outra pessoa que o sujeito, (4) em ordem não canônica, (5) com duplicação de pronomes pessoais e atentamos também para o uso das (6) preposições (sua falta, seu emprego inusitado e seu excesso) e (7) conjunções. Por fim, atentamos para (8) erros de ortografia. Seguem exemplos de cada um desses tópicos, retirados do *corpus* de Maria:

- (1) Foto mim por favor
- (2) Fazer texto língua portuguesa
- (3) Eu tem pergunta dúvida
- (4) Eu não ainda fez
- (5) Professora me falou comigo
- (6) Eu esqueci pergunta com você
- (7) Eu quero vc me ajudar
- (8) já foi hostipal

O sujeito controle é uma pessoa ouvinte, do sexo feminino (46 anos), que possui o ensino médio completo, mora na zona sul de Porto Velho/Rondônia. A coleta de dados se deu durante seis meses (outubro de 2019 a março de 2020) e o *corpus* recortado compreende 36 cláusulas. Esta pessoa igualmente interagiu com a segunda autora deste estudo através do WhatsApp e concordou em disponibilizar seus dados para a pesquisa. Desvios (9) de ortografia, (10) ordem de palavras não canônica e (11) concordância são os desvios de escrita que mais se destacam na escrita do sujeito controle:

- (9) Sussesos pra vc
- (10) Hoje denovo, toda a chuva a casa alaga agora
- (11) Oi quem chegar primeira comunica outra

Por fim, não adotamos o método de reconstruir sentenças, porque nosso objetivo não é classificar erros e acertos, mas descrever a escrita desviante de uma pessoa surda em contraposição à escrita de uma pessoa ouvinte com base no uso que elas fazem da linguagem e pensar sobre a relação que cada sujeito estabelece com a escrita do português e sua L1. As maneiras de produzir escrita desviante em português são muito diferentes no caso do sujeito surdo e do ouvinte, e é este o nosso objeto de interesse.

Antes de analisar os dados, cabe tecer algumas considerações a respeito do WhatsApp, plataforma em que os dados foram produzidos e coletados. Segundo Ferrari, Avelar e Guedes (2019, p. 8), trata-se de um meio de comunicação face a face multimodal que “ativa um processo de mesclagem multimodal múltipla, envolvendo os espaços de FALA, ESCRITA e IMAGEM, projetados seletivamente no espaço-mescla.” Neste sentido, imagens – fotos ou emojis – não são analisadas aqui, nem o tempo de produção das sentenças. Analisamos apenas a escrita (alfabética) espontânea de duas pessoas envolvidas em diálogos. Os laços sociais estabelecidos entre as interlocutoras permitem que a escrita seja menos monitorada – assim como a oralidade.

### **Análise de dados**

Sistematizamos os dados em 4 blocos, a saber: (i) morfologia verbal, em que tratamos da presença ou não do verbo na cláusula, da finitude do verbo e da concordância verbal; (ii) ordem de palavras, em que tratamos da ordem SVO, tópico-comentário e da duplicação de pronomes; (iii) conectivos, em que tratamos de preposições (ausência, troca e excesso) e conjunções (ausência); e por fim (iv) ortografia, em que tratamos de intuições do falante na escrita.

#### **Morfologia verbal**

Em estudos de Sintaxe, a unidade básica de análise é a sentença (KLEPPA, 2019). E a sentença pressupõe pelo menos um verbo conjugado. Neste trabalho, as unidades que analisamos não apresentam os requisitos de uma sentença, mas possuem conteúdo informacional. Definida como *unidade informacional*, trabalharemos com a noção de *cláusula*. No tocante à finitude, temos duas maneiras de uma cláusula não apresentar finitude: ou não apresentando verbos, ou apresentando verbos no infinitivo.

Em LIBRAS, o verbo não é conjugado de acordo com pessoa, número, modo e tempo,

portanto não há concordância verbal, ou seja, a forma do verbo não é ajustada ao entorno sintático, e permanece sempre a mesma. Em geral, poucos verbos em LIBRAS são afetados morfologicamente pela direcionalidade (que indica a direção do movimento, como por exemplo em: *telefonar para alguém, receber um telefonema*).

**Tabela 1:** Tipologia de cláusulas não-finitas nos *corpora*

	Sem verbo	Verbo principal no infinitivo	Verbo auxiliar no infinitivo
Maria	Ocorrências: 5 Ex: Aonde Vc	Ocorrências: 9 Ex: Eu avisar eu to doença	Ocorrências: 7 Ex: Precisar fazer trabalho resumo
Ouvinte Controle	Ocorrências: 0	Ocorrências: 1	Ocorrências: 0

O fato de a maioria dos verbos em LIBRAS somente ter uma forma pode explicar a predominância dos infinitivos na escrita de Maria. Na Tabela 1, podemos observar a tipologia de cláusulas não-finitas e que os infinitivos são mais recorrentes que cláusulas sem verbos. Em contraposição, nos dados do sujeito controle, a pessoa ouvinte, não encontramos, no *corpus* selecionado, cláusulas sem verbo ou com o verbo auxiliar no infinitivo. Encontramos uma única ocorrência de verbo principal no infinitivo:

(12) Viu levar pra casa.

Quanto à concordância, percebemos, na Tabela 2, mais desvios de concordância na forma verbal que nas formas nominais na escrita de Maria coletada para este estudo:

**Tabela 2:** Concordância verbal e nominal nos *corpora*

	Concordância verbal	Concordância nominal
Maria	Ocorrências: 16 Ex: Eu não entendi muito difícil	Ocorrências: 3 Ex: Um folha atividade
Ouvinte Controle	Ocorrências: 2 Ex: Nós pode fazer juntas	Ocorrências: 2 Ex: Vê se as portas estão aberta

Os paradigmas verbais são muito mais complexos que as possibilidades de concordância nominal em português. A confusão entre as formas verbais pode ser gerada pela enorme variedade de formas que o verbo assume em português. Dialogando com Rocha e Robles (2017, p. 677), que estudaram interferências linguísticas em alunos falantes de espanhol aprendizes de português,

podemos concluir que a origem do erro na segunda língua está na língua materna (LM): “Quanto à origem, verificou-se que a maioria das interferências linguísticas provêm da LM. Pôde-se concluir que o filtro cognitivo da LM configura um papel importante na aprendizagem de uma LE próxima à LM.” De todo modo, parece haver uma tendência, na escrita desviante, a apresentar mais formas verbais no infinitivo e não conjugadas adequadamente se contrastarmos com cláusulas sem verbo (cuja frequência é menor no *corpus*).

Em contrapartida, nos dados de escrita da pessoa ouvinte selecionados para este estudo, observamos baixa frequência de erros de concordância e equilíbrio entre desvios de ajuste morfossintático na esfera nominal e verbal. É interessante notar ainda que os *corpora* de Maria e da pessoa ouvinte apresentam quantidades similares de erros de concordância nominal. Os desvios na escrita da ouvinte são mais previsíveis e comuns, quando comparados com erros de alunos em geral. Errar a concordância de gênero (*um folha/ semana outro*) não é comum em falantes de português como língua materna: “Mateus *et alii* (2003), contrariando a visão tradicional, consideram o gênero uma categoria morfossintática não passível de flexão, processo que, no âmbito do nome e do adjetivo, se restringiria à categoria de número” (BRANDÃO, 2004, p. 208).

### Ordem de palavras

A ordem canônica de palavras é SVO tanto em português como em LIBRAS, mas ambas as línguas dispõem da possibilidade de construções diferentes, como por exemplo construções de tópico-comentário. Em língua portuguesa, construções de tópico-comentário são mais frequentes e aceitas na oralidade do que na escrita, mas como estamos analisando dados colhidos numa rede social, é preciso considerar que a escrita no WhatsApp é atravessada pela oralidade.

No *corpus* de Maria, contamos apenas 8 cláusulas em ordem não convencional (e aparentemente caótica), sendo apenas uma ocorrência de tópico-comentário:

(13) Fazer trabalho falta.

Em LIBRAS, construções de tópico-comentário são comuns e há até mesmo autores como Ferreira-Brito (1995) que postulam que esta seja a ordem padrão em LIBRAS. Neste sentido, se a primeira língua interfere na aquisição da segunda, esperávamos encontrar uma quantidade mais expressiva de construções de tópico-comentário no *corpus* de Maria.

Na Tabela 3, estão sistematizadas as ocorrências de cláusulas em ordem não canônica. Nos dados do sujeito controle, contamos apenas 2 ocorrências de ordem não canônica – nenhuma construção de tópico-comentário. No exemplo citado na Tabela 3, é possível especular que a palavra-alvo tenha sido *parabéns* e não o adjetivo *feliz*.

**Tabela 3:** Ordem das palavras nos *corpora*

	Ordem não-canônica	Tópico-comentário
Maria	Ocorrências: 8 Ex: Machucar foi caiu banheiro minha casa chão	Ocorrências: 1 Ex: Fazer trabalho falta
Ouvinte Controle	Ocorrências: 2 Ex: O feliz pelo seu dia mulher	Ocorrências: 0

Quanto à ordem aparentemente caótica na escrita de Maria, podemos perceber que *não ainda* forma um bloco, como em (4) e (14) – em que *siles* provavelmente corresponde a *slides*:

(14) Não ainda já começo siles procurar

Percebemos também que a posição do pronome (*outro*) não está consolidada na escrita de Maria, assumindo função de marcadora de foco – estrutura presente em LIBRAS:

(15) Falta papel outro

(16) Pode semana outro

Em relação aos pronomes, chama atenção a duplicação desta classe de palavras na cláusula. No *corpus* de Maria, contabilizamos 5 ocorrências em que há pronomes co-referentes (me/mim) duplicados, como por exemplo em:

(17) Por favor vc me ajudar de mim

A duplicação de pronomes é atestada como uma construção de foco em LIBRAS: “Quadros e Karnopp (2004, p.170) afirmam que o termo duplicado ocupa a posição final nas construções com foco” (LIRA, 2014, p. 92). Se construções de foco são esperadas em LIBRAS, e se acreditamos que acontece uma ativação paralela das duas línguas presentes na mente de Maria, podemos atestar que Maria transporta estruturas (foco, mas não tópico-comentário) da LIBRAS para a escrita do português. Já o sujeito controle apresentou um fenômeno diferente, em que os pronomes não são totalmente co-referentes (você/nós):

(18) Você nós dois amiga???

### Conectivos

Sabe-se que, em LIBRAS, as preposições são menos abundantes que em português e que são incorporadas ao sinal de um verbo ou de um complemento verbal, estabelecendo relações semânticas de espaço (MIRANDA, 2014). Não podemos esperar, portanto, que surdos pouco familiarizados com a escrita do português percebam a preposição como um item separado, uma palavra. A ausência de preposições chama mais atenção no *corpus* de Maria que seus excessos ou trocas. Como podemos observar na Tabela 4, trata-se, em todos os casos, de preposições altamente gramaticalizadas, ou seja, cuja forma pode ser alterada (em + o = no) e cujo valor semântico tende a ser esvaziado (KLEPPA, 2005).

Exemplos de cada categoria apresentada na Tabela 4 – a saber: faltantes (19), excedentes (20) e trocadas (21) – são:

- (19) Eu estou unir
- (20) Abençoa pra vc
- (21) Eu esqueci pergunta com você

**Tabela 4:** Preposições na escrita em português da aluna surda

preposição	faltante	excedente	trocada
em	14		
com		4	1 <i>ao</i> invés de <i>para</i>
de	2	2	
para	2	1	
por	1		

Grande parte das mensagens trocadas pelo WhatsApp entre Maria e a segunda autora deste estudo concerne à localização de ambas: uma avisa a outra que chegou no *campus*, que está na sala, na universidade etc. Isso explica a alta demanda pela preposição *em* na Tabela 4. Em todo o *corpus* de Maria, observamos 5 sentenças bem-formadas com uso padrão de preposições (*com*, *em* e *para*). Não encontramos, no *corpus* (que se limita a cláusulas que contenham formas desviantes), nenhuma preposição menos gramaticalizada (*até*, *sem*, *sobre*, *contra* etc.), o que, por sua vez, indica que Maria se orienta pela frequência de uso das preposições na língua quando escreve (já que, segundo Ilari *et al.* (2015), as mais gramaticalizadas são mais frequentes e mais produtivas em língua portuguesa).

Na escrita do sujeito controle, os problemas relacionados a preposições restringem-se

meramente a questões de ortografia: *em tão* por *então*, *concerteza* por *com certeza* e *denovo* por *de novo*. Não foram observadas faltas, excessos ou trocas de preposição no *corpus* da ouvinte. Contudo, é preciso notar que, no *corpus* da ouvinte, encontramos apenas três preposições: *para*, *de* e *por*, ou seja, todas mais gramaticalizadas.

Quanto às conjunções, observamos um número menor de dados: apenas uma conjunção ausente. Se presente, a conjunção integrante *que* modificaria a forma do verbo da segunda oração (*ajude*). Como há essa interdependência – e a morfologia verbal ainda não parece estar consolidada na escrita de Maria, é possível pensar que a ausência da conjunção não é o único desvio em (22):

(22) Eu quero vc me ajudar

Já a pessoa ouvinte cujos dados foram coletados apresenta uma variedade e quantidade maior de conjunções em seu *corpus*: *pra*, *que*, *quando* e *mais*, sendo que *mas* é a mais frequente, sistematicamente escrita na forma de *mais* e apenas uma vez acompanhada de vírgula (contra 5 ocorrências sem acompanhamento de vírgula – das quais 4 apresentam *mais* em início de cláusula).

### Ortografia

Por mais que tenhamos um *corpus* menor para a ouvinte, podemos afirmar que as questões de morfologia verbal, ordem de palavras e conectivos são menos desafiadoras na escrita do português por parte de falantes do português do que de aprendizes de português como segunda língua. O ponto de virada se dá no quesito ortografia.

Em Linguística Aplicada, mais especificamente na área de Análise de Erros (AE), já foi estabelecida uma hierarquia de erros que alunos de língua estrangeira apresentam. Segundo McCretton e Rider (1983), poucos erros de ortografia aparecem na escrita de aprendizes de língua estrangeira – possivelmente porque não desenvolveram ainda intuições na língua alvo (KLEPPA, 2019, p. 235-236).

No processo de alfabetização, crianças ouvintes e falantes de língua portuguesa precisam entender – e isso é um processo – que existe uma relação entre as letras e os sons. Justamente devido ao alto grau de fracasso na alfabetização no Brasil (SOARES, 2020), muitos erros de ortografia são resultantes da hipótese de que a fala é representada diretamente na escrita. A oralidade se faz presente, no *corpus* da nossa controle ouvinte, em sentenças como:

(23) Quando tu vinher tu liga

A aquisição da escrita não se dá de maneira natural, mas via ensino formal. Para uma pessoa surda, aprender a escrever em português não se reduz apenas a aprender uma nova modalidade da sua língua materna, mas significa aprender uma outra língua na modalidade escrita. No entanto, o processo de aprendizagem da escrita não é ancorado nas equivalências entre sons e letras, porque o surdo, por definição, não pode recorrer a experiências com o som. A própria escrita alfabética (adotada em português) se mostra um desafio para quem sinaliza, pois não há equivalências entre as unidades que formam palavras nas duas línguas.

Na Tabela 5, categorizamos os erros de ortografia (excluídos os sinais de pontuação que, apesar de serem sinais gráficos, não têm seu uso normatizado por acordos ortográficos):

**Tabela 5:** Erros ortográficos nos *corpora*

	Ouvinte Controle		Maria	
	Ocorrências	Exemplo	Ocorrências	Exemplo
acentuação	9	amanha		
oralidade	7	mais por <i>mas</i>		
representações diferentes	7	enformo por <i>informo</i>	1	encontrá
omissão de letras	5	domigo	1	manda por <i>mandar</i>
junção de palavras	2	tabom		
separação de palavras	1	em tão		
troca de letras	-		2	falosophia
inversão de letras	-		1	hostipal

Pelos resultados apresentados, pode-se perceber que a natureza e a frequência dos erros de ortografia são bastante diferentes nos dois *corpora* examinados. Os erros de ortografia mais frequentes na escrita da pessoa ouvinte são relacionados à oralidade, ultrapassando por vezes o limite da palavra. Já na escrita de Maria, não é possível apontar os erros de ortografia mais recorrentes, já que são tão poucos. Todos, no entanto, se limitam à palavra e sua forma gráfica. A disposição das letras numa dada ordem é o que diferencia os desvios de escrita da aluna surda dos desvios de escrita da pessoa ouvinte – que não troca nem inverte letras.

### Considerações finais

Este texto apresentou um estudo de caso em que examinamos desvios de escrita em língua portuguesa produzidos por uma aluna surda e por um sujeito controle ouvinte (e falante de português) na rede social WhatsApp em interação espontânea com a segunda autora deste estudo. Apresentamos o conceito de interlíngua que, através de seus estágios, nos ajuda a acompanhar o

processo de aprendizagem do português escrito pela aluna surda. Nossos dados apontam que Maria se encontra no estágio II de interlíngua: tomando como base nossas análises quanto à ordem de palavras, Maria apresenta estrutura de frase da LIBRAS nas construções de foco; tomando como base nossas análises quanto à morfologia verbal, Maria apresenta alta frequência de verbos no infinitivo; e, por fim, tomando como base nossas análises quanto ao uso de conectivos, verificamos que Maria apresenta elementos funcionais não estáveis. Em todos esses quesitos, a escrita de Maria se diferencia drasticamente da escrita em português por parte de uma pessoa ouvinte. Desvios que a pessoa ouvinte comete na escrita com abundância (erros de ortografia) não foram encontrados em medida paralela na escrita de Maria. Não acreditamos que “escrita confusa” seja suficiente para descrever os dados de Maria, já que encontramos razões na sua primeira língua para a emergência de desvios na escrita do português. Trata-se de uma interferência interlinguística que se dá em dois níveis: de uma língua para outra (LIBRAS – português), de um modo para outro (sinalizado – escrito). Esperamos que este estudo de caso auxilie o leitor a traçar conclusões gerais a partir de um caso individual e que contribua para o desenvolvimento de estratégias didáticas de ensino de escrita em português para surdos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Éden Veloso; MAIA FILHO, Valdeci. *Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez*. Curitiba: Mãos Sinais, 2009.
- ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos. *Caderno Cedes*, vol. 26, n. 69, p. 251-267, 2006.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Concordância nominal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.) *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Faculdade de Letras/UFRJ, 2004, p. 207-232.
- CARVALHO, Vanessa de Oliveira; NÓBREGA, Carolina Silva Resende da. *A história da educação dos surdos: o processo educacional inclusivo*. Disponível em: [http://www.uern.br/controldepaginas/edicaoatual/arquivos/36782\\_final\\_\\_a\\_hista%E2%80%999\\_Cria\\_de\\_educaa%E2%80%A1a%C6%92o\\_dos\\_surdos...vanessa\\_carvalho.pdf](http://www.uern.br/controldepaginas/edicaoatual/arquivos/36782_final__a_hista%E2%80%999_Cria_de_educaa%E2%80%A1a%C6%92o_dos_surdos...vanessa_carvalho.pdf). Acesso em 05 de outubro de 2020.
- CAVALCANTI, M. C.; SILVA, I.R. “Já que ele não fala, podia ao menos escrever...”: o grafocentrismo naturalizado que insiste em normalizar o surdo. In: KLEIMAN, A. B. e CAVALCANTI, M. C. *Linguística Aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- FERRARI, Lilian; AVELAR, Máira; GUEDES, Gustavo Paiva. WhatsApp: uma mesclagem multimodal contemporânea. *Veredas Revista de Estudos Linguísticos*, n. 23, vol. 2, p. 7-19, 2019.
- FERREIRA-BRITO Lucinda. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FINGER, Ingrid. Psicolinguística: da mente à escola. Conferência transmitida ao vivo pelo Youtube em 01 de junho de 2020 pelo Projeto *ABRALIN AO VIVO*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3K8jvIxS7Vs&t=5825s> acesso em 10 de outubro de 2020.

- ILARI, Rodolfo; CASTILHO, Ataliba T.; LEITÃO, Maria Lúcia; KLEPPA, Lou-Ann; BASSO, Renato M. A Preposição. In: ILARI, R. (Org.) *Palavras de classe fechada*. Gramática do Português Culto Falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015, p. 163 – 310.
- QUADROS, Ronice Müller de. SCHMIEDT Magali L. P. *Idéias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.
- KLEPPA, Lou-Ann. A forma da preposição na fala de uma criança. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 3, n. 5, p. 1-21, 2005.
- KLEPPA, Lou-Ann. Estilo reduzido na escrita de surdos. *Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações*, Vol. 1, n. 2, p. 226-254, 2019.
- LIRA, Magnolia de Souza. *Ordem dos termos em estruturas oracionais na língua de sinais brasileira: um estudo em narrativas infantis*. 2014. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.
- MIRANDA, João Paulo Vitório. *Voz passiva em Libras? Ou outras estratégias de topicalização?* 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.
- NUNES, Sylvia da Silveira; SAIA, Larissa Jorge; MIMESSI, Soraya D’Angelo. Surdez e educação: escolas inclusivas e/ou bilíngues? *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, vol. 19, n. 3, p. 537-545, 2015.
- PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira; QUADROS, Ronice Müller. Língua Brasileira de Sinais VI. Florianópolis, 2010. Disponível em: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/linguaBrasileiraDeSinaisVI/assets/619/TEXTO\\_BASE\\_-\\_LIBRAS\\_VIn.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/linguaBrasileiraDeSinaisVI/assets/619/TEXTO_BASE_-_LIBRAS_VIn.pdf). Acesso em 05/10/2018.
- ROCHA, Nildicéia Aparecida; ROBLES, Ana María del Pilar Altamirano. Interferências linguísticas na interlíngua em alunos hispanofalantes de português como língua estrangeira. *Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 25, n. 2, p. 641-680, 2017.
- SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: teorias e práticas. Conferência transmitida ao vivo pelo Youtube em 31 de julho de 2020 pelo Projeto *ABRALIN AO VIVO*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UnkEuHpxJPs> Acesso em 01/08/2020.

Recebido em: 30/1/2021

Aprovado em: 8/3/2021